

O ESPAÇO DA PRODUÇÃO DE TEXTO ORAL NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Adriana Letícia Torres da Rosa¹
José Batista de Barros²
Lavínia de Melo e Silva Ximenes³
Paula Roberta Paschoal Boulitreau⁴

RESUMO

Nosso estudo incide sobre os gêneros textuais da oralidade no livro didático de português, dada a importância interativa do uso dos mesmos como forma de participação social, e a grande circulação desses livros nas escolas brasileiras. Questionamo-nos sobre qual o espaço pedagógico dado a esses gêneros nas atividades de produção textual. Nesse compasso, objetivamos analisar as atividades apresentadas em livro didático de português do 6º ano do Ensino Fundamental. Selecionamos uma coleção aprovada pelo Ministério da Educação em seu Plano Nacional de Avaliação de Livro Didático (2020), da qual extraímos como *corpus* da pesquisa os exercícios de produção textual. Verificamos os gêneros sugeridos para produção de texto escrito e produção de texto oral, estabelecendo um contraponto entre os mesmos; analisamos os gêneros textuais orais privilegiados nas atividades, refletindo sobre os pressupostos teórico-metodológicos subjacentes a essas propostas. Orientamo-nos pelas bases teóricas de estudiosos que compreendem a linguagem como forma de participação e interação social, quais Bakhtin (1997, 2002) e Marcuschi (2001, 2002, 2004). Os resultados apontam que a oralidade vem ganhando um espaço de destaque no trabalho pedagógico com a linguagem, especialmente quanto a qualidade das propostas sugeridas para produção textual. Contudo, os gêneros na modalidade escrita ainda são valorizados em relação aos da oral tanto na diversidade de gêneros trabalhados, quanto na quantidade de atividades pedagógicas a esses destinadas para estudo.

Palavras-chave: Ensino de oralidade, Gêneros textuais, Livro didático de português.

INTRODUÇÃO

A linguagem é uma forma de interação social que permeia as nossas ações desde os nossos primeiros passos. Ouvimos, lemos e produzimos textos diariamente com

¹ Doutora pelo Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, adriana.trosa@ufpe.br;

² Doutor pelo Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, jose.bbarros@ufpe.br;

³ Doutora pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, lavinia.ximenes@ufpe.br;

⁴ Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, roberta.boulitreau@ufpe.br.

intuito de agir em comunidade, posicionando-nos socialmente. Em especial, a produção de textos permite-nos participar de diversas situações e exigências comunicativas importantes, sejam elas menos ou mais formais. Cabe, pois, à escola promover experiências de ensino-aprendizagem de produção de textos escritos e orais a fim de garantir aos estudante o direito de interação qualificada em contextos de uso da linguagem no seu cotidiano, público e privado.

Buscamos, com esse trabalho, possíveis respostas para as questões de ordem investigativa que se colocam: quais os gêneros textuais sugeridos para produção de texto escrito e produção de texto oral no livro didático de português (LDP) do 6º ano do Ensino Fundamental? A produção na modalidade escrita é supervalorizada em detrimento da produção na modalidade oral? Quais os gêneros textuais orais privilegiados nas atividades de produção textual? Que pressupostos teórico-metodológicos estão subjacentes às propostas de produção de texto oral?

Com base nesses questionamentos, elegemos como objetivo geral desta pesquisa analisar as propostas de produção de texto oral apresentadas em livros didáticos de português do 6º ano do Ensino Fundamental, buscando observar em que medida as abordagens pedagógicas no trabalho com a oralidade, especialmente com os gêneros textuais, contribuem para formação do aluno enquanto sujeito agente da comunicação sociointerativa humana, e, conseqüentemente, para sua inclusão no mundo social letrado.

Ancoramos nosso trabalho em fundamentos de teóricos que discutem a natureza da linguagem como prática social e interativa imprescindível para participação do homem em sociedade como Bakhtin (1997, 2002) e Marcuschi (2001, 2002, 2004).

METODOLOGIA

A análise em tela é de base qualitativa, combinada com técnicas de análise quantitativa, optamos por tal procedimento seguindo o pensar de Oliveira (2008, p.172): “Fazer pesquisa não é acumular dados e quantificá-los, mas analisar causas e efeitos, contextualizando-os no tempo e no espaço, dentro de uma concepção sistêmica”.

O universo da pesquisa trata-se dos livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Fundamental. Dentro desse universo, selecionamos como amostra uma coleção de livros didáticos de português aprovadas pelo Ministério da Educação no seu

Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), ano 2020, cuja referência segue: COSTA, Cibele Lopresti; MARCHETTI, Greta. **Língua Portuguesa**. Vol. 6. 2. ed. São Paulo: SM Educação, 2018.

A escolha do 6º ano do Ensino Fundamental deve-se por entendermos ser uma fase importante de transição no Ensino Fundamental dos anos iniciais para os anos finais, sendo os últimos ministrados pelo professor especialista. Tal etapa é vital para formação acadêmica do aluno, momento em que se aprofundam especificamente os estudos em linguagem, especialmente, no que tange aos usos dos gêneros textuais, orais ou escritos.

O *corpus* da investigação é composto pelas 15 propostas de produção de texto apresentadas no citado livro. A escolha da referida coleção didática justifica-se, pois, a mesma está em consonância com a proposta pedagógica orientada pelo Ministério da Educação e as Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Além disso, está vinculada a editor renomada nacionalmente, SM Edições, bastante utilizada pelas escolas públicas e privadas no país.

Primeiramente, selecionamos as propostas de produção textual sugeridas, e listamos os gêneros trabalhados em quadro analítico, verificando a forma de registro mais valorizada (oral ou escrita). Na sequência, analisamos como o espaço da oralidade é abordado pedagogicamente nos livros: os gêneros sugeridos e as propostas apresentadas para produção.

REFERENCIAL TEÓRICO

Partimos do pressuposto teórico de que a linguagem é uma forma de interação social e a língua, linguagem verbal, assim, é observada como um fenômeno interativo e dinâmico que envolve atividades de diálogo e negociação entre indivíduos socialmente posicionados em diferentes contextos situacionais de uso. A referida concepção ancora-se nos estudos de Bakhtin (2002) o qual, nas suas reflexões sobre a filosofia da linguagem, defende que a “palavra” se constitui no diálogo, fruto da interação entre sujeitos organizados, situada num contexto social, e, nesse caso, a língua insere-se num processo ininterrupto de evolução pautado na interação verbal social dos locutores.

Na mesma linha de pensar bakhtiniana, Marcuschi (2001, p. 20) observa que é importante distinguir os termos Linguagem e Língua, pois aparentemente sinônimos, designam fenômeno distintos e complementares:

a) A expressão linguagem designa uma faculdade humana, isto é, a faculdade de usar signos com objetivos cognitivos. A linguagem é um dispositivo que caracteriza a espécie humana como homo sapiens, ou seja, como um sujeito reflexivo, pois a linguagem é um fenômeno humano, hoje tido como inato e geneticamente transmitido pela espécie.

b) A expressão língua refere uma das tantas formas de manifestação concreta dos sistemas de comunicação humanos desenvolvidos socialmente por comunidades linguísticas e se manifesta como atividades sócio-cognitiva para a comunicação interpessoal.

Nessa perspectiva, uma língua, linguagem verbal, constitui-se no sistema de interação linguística entre indivíduos, que enquanto interlocutores, constroem sentidos e significados ao interagirem com o grupo social. Tais interações, orais ou escritas, constituem representações que variam de acordo com a relação que cada indivíduo tem com a língua. Apropriar-se da língua, implica inserir-se na dinâmica do mundo natural e social, identificando, compreendendo, significando e articulando os saberes e vínculos constituídos.

Defendemos, junto a Bakhtin (1997), que a comunicação humana se estabelece mediante o uso de algum gênero do discurso: os gêneros organizam a nossa fala e escrita, sem os quais ficaria quase impossível interagirmos. De acordo com as proposições bakhtinianas, os gêneros são entidades históricas e sociais elaborados nas diversas esferas da atividade humana, como a jurídica, a jornalística, a empresarial, familiar, entre tantas outras, compreendendo relações entre sujeitos e seus propósitos de interação. Nessa linha de pensar, destacamos ainda que são formas de ação social imprescindíveis para qualquer interação comunicativa.

As práticas sociais de oralidade e letramento são povoadas pelo uso dos diversos gêneros textuais. Cabe ressaltar a distinção entre as duas práticas citadas:

Oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob várias formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora que vai desde uma realização mais informal a mais formal nos mais variados contextos de uso (...)

Letramento, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma

apropriação mínima da escrita, (...), até uma apropriação aprofundada (...). (MARCUSCHI, 2004, p.25)

A escola é um espaço privilegiado para o estudo da diversidade de gêneros que nos circundam. Os gêneros de realização oral e os de realização escrita devem ser alvos de ensino nas atividades de leitura, escuta e produção de textos como forma de ampliar o universo discursivo dos alunos tanto no plano da oralidade quanto no do letramento.

Porém, no contexto pedagógico, verifica-se ainda uma prática escolar de valorização do trabalho com a escrita em detrimento do trabalho com a oralidade, fruto de uma visão tradicional da língua gerada pela própria circunstância de avaliação social e histórica do registro escrito como símbolo de educação, desenvolvimento e poder.

A supervalorização atribuída à escrita deu-lhe status de bem social indispensável, símbolo de poder, educação e desenvolvimento bem superior à oralidade, essa última sendo vista por vezes com certa discriminação. Tal valorização está em parte relacionada ao fato de que a escrita é apropriada formalmente na escola, especialmente na atualidade, residindo aí o seu prestígio em detrimento da fala, por sua vez apreendida geralmente em contextos informais do cotidiano.

Todavia, essa relação dicotômica fala-escrita precisa ser revista, pois não se coaduna com a concepção de interatividade linguística. Nessa seara, partilhamos das ideias de Marcuschi (2004, p.17) de que

oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante.

A oralidade e a escrita estão presentes na sociedade e são amplamente usadas em contextos da vida cotidiana mesmo por aqueles que não possuem um grau de escolaridade amplo: na família, no trabalho, na vida institucional em geral, e também na escola, entramos em contato com distintos usos e objetivos de uso da escrita e da oralidade. E caminhar com maior firmeza pelas múltiplas esferas das práticas discursivas sociais nos exige um aprofundamento do estudo de ambas as modalidades.

Assim, uma abordagem pedagógica significativa para desenvolver o trabalho de ensino de língua materna que não relega a importância da “fala” seria o estudo-

aprendizagem dos gêneros textuais orais. Com essa abordagem não se pretende ensinar o aluno a falar, mas a compreender e fazer usos, situados (social e historicamente) e adequados da linguagem oral.

Uma relevante oportunidade de se trazer o estudo dos gêneros para escola seria traçar considerações sobre aproximações e distanciamentos dos gêneros orais e escritos, considerando o meio de produção (sonoro e/ou gráfico) e a sua concepção discursiva (oral e/ou escrita). Conforme Marcuschi (2004), isso revelará uma visão não-dicotômica de língua, na medida em que evidenciará que as manifestações da fala e da escrita se dão num contínuo dos gêneros textuais.

Tomar uma visão monolítica da língua ao se ensiná-la, leva-nos a desenvolver uma maior habilidade com a escrita, fazendo-nos esquecer das relações mútuas entre fala e escrita, suas variedades, níveis de formalidade, entre outros. Conforme nos diz Marcuschi (2001, p.23), “o estudo da oralidade pode mostrar que a fala mantém com a escrita relações mútuas e diferenciadas, influenciando uma a outra nas diversas fases da aquisição da escrita”.

Ao desenvolver uma pesquisa sobre a oralidade no livro didático de português, Marcuschi (2001) atesta que há avanços em algumas coleções no que se refere à concepção de que a “fala” não é o lugar do “erro”. Também observa um progressivo aumento de propostas de estudo oral, embora se perceba um descaso ao tratamento das questões da oralidade em se comparando com o tratamento da escrita.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já observamos, os gêneros textuais são diversos em suas realizações. Bakhtin (1997) destaca que cada esfera de organização social do discurso possui um leque de gêneros que permitem aos sujeitos realizarem seus objetivos interacionais, por exemplo, no domínio da literatura, temos contos, poemas, cordéis, crônicas, romances; no do jornalismo, reportagens, entrevistas, notícias; no escolar, aulas, seminários, textos informativos; no esportivo, resenhas, regras de jogos, e tantos outros.

Os estudantes, como cidadãos que participam de uma comunidade, deparam-se com essa diversidade a todo momento, seja em espaço público ou privado. O trabalho com as práticas de letramento e oralidade nos mais variados gêneros é relevante para

que o repertório desses estudantes se amplie e, desse modo, para que eles possam compreender e produzir sentidos socialmente circulantes.

O livro didático, como material pedagógico, trabalhando com a diversidade, oferecerá condições para que a aprendizagem dos gêneros seja mais significativa. Nesse contexto, a nossa pesquisa identificou que o LP em análise está em consonância com as orientações teóricas citadas, bem como as orientações da BNCC, pois vem trazendo em suas páginas exemplares de diversos gêneros nas distintas modalidades (oral e escrita), para serem estudados. Verificamos 15 propostas pedagógicas de produção de texto, sendo 11 abordando-se o texto escrito e 4 abordando o texto oral. As propostas abarcam 10 gêneros textuais diversos, conforme nos mostra o quadro:

Quadro 1 – Propostas pedagógicas de produção de texto no livro didático do 6º ano do ensino fundamental

Gêneros textuais	Propostas pedagógicas de produção de texto	
	Escritas	Orais
Narrativa de aventura	Continuação de narrativa de aventura	
	Escrita de narrativa de aventura	
Conto popular		Contação de conto popular
	Reescrita de conto popular	
História em quadrinho	Elaboração de história em quadrinho	
Notícia	Escrita de notícia	Notícia radiofônica
Relato de viagem	Escrita de relato de viagem	
Relato de experiência		Relato oral de experiência vivida
Poema	Reescrita de poema	
	Escrita de poema	
Biografia	Escrita de biografia	
Anúncio de propaganda	Elaboração da anúncio de propaganda em forma de cartaz	
Entrevista	Entrevista escrita	Entrevista oral

Fonte: Os autores, 2021.

Os dados mostram que a exploração de situações de comunicação múltiplas está em evidência no livro, contudo apontam para o fato de que na escrita a produção é mais diversa que na fala. Quanto à oralidade, apenas quatro gêneros, (*conto, notícia, relato e entrevista*), foram alvo de ampla exploração na produção de texto. Os dados indicam que não só em relação ao número de gêneros distintos oferecidos para estudo, mas

também à quantidade de propostas de produção sugeridas para cada gênero a ser trabalhado, a escrita ainda é mais valorizada que a fala, reforçando e atualizando os estudos já apresentados por Marcuschi (2001).

As propostas de produção são pautadas nos gêneros das esferas discursivas tanto não ficcionais (*notícia, relato e entrevista*), quanto ficcionais (*conto*), estando o domínio jornalístico em maior evidência. A narração é a sequência tipológica textual de maior exploração.

Em todos os casos, há uma interconexão entre a escrita e a fala na elaboração das propostas pedagógicas, estando a escrita como suporte para o planejamento da fala pública mais formal: leitura de conto – contação de conto popular; escrita de notícia – produção de notícia radiofônica; relato de viagem escrito – relato de experiência oral; entrevista escrita – entrevista oral.

As aproximações e distanciamentos dos gêneros orais e escritos, considerando o meio de produção (sonoro e/ou gráfico) e a sua concepção discursiva (oral e/ou escrita) segue uma linha teórica de construção de uma visão não-dicotômica de língua, como defende Marcuschi (2004).

É importante salientar que as propostas de produção estão pautadas em uma concepção de interação social de língua: as orientações para o planejamento preveem a indicação do gênero textual a ser produzido, o público alvo, o objetivo da comunicação e também a esfera de circulação textual. As propostas também contam com a seção de avaliação, em que os estudantes são conduzidos a analisar suas produções conforme critérios preestabelecidos que destacam as características funcionais e formais do gênero em estudo. Verifica-se uma diretriz pedagógica que respeita a construção do contexto sociocomunicativo e situado para o uso da língua, como bem defende Marcuschi (2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que o livro didático sugere variados gêneros para estudo no campo da produção textual, abrangendo distintas modalidades de uso da língua materna (oral e escrita). Gêneros do domínio jornalístico e midiático, artístico e literário, das práticas de estudo e pesquisa, bem como da atuação na vida pública são explorados no 6º ano do ensino fundamental o que revela a sintonia com a BNCC.

Porém, os dados ainda sugerem uma maior valorização do trabalho com as práticas de letramento, pois na escrita, a diversidade gêneros abordada é maior que na fala, bem como a quantidade de propostas de produção sugeridas para os gêneros a serem trabalhados.

Percebemos uma preocupação particular com o estudo da oralidade, a coleção apresenta seções destinadas ao trabalho com a linguagem oral. Também notamos que a concepção de linguagem como interação social permeia as propostas de produção oral: a explicitação da função social, do papel dos interlocutores (mesmo que estes sejam recorrentemente os próprios colegas de classe), da forma de organizar a fala pública são presentes.

Pelo exposto, a diversidade de gêneros da oralidade, a quantidade de abordagens desses gêneros, a sistematização dessas abordagens e, ainda, a qualidade das abordagens pedagógicas são elementos que precisam estar sendo sempre revistos a fim de que o espaço da oralidade seja aprofundado, e a fala pública, formal e informal.

Esperamos que o nosso trabalho apresente uma contribuição para sociedade no intuito de servir de base tanto para a realização de novos estudos, como, sobretudo, para reflexão sobre o espaço pedagógico dado à oralidade nos livros didáticos, os avanços e os desafios que permeiam os materiais didáticos, e conseqüentemente, a prática do professor que os usará em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 20. Ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAKHTIN, M. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BEZERRA, M. A. Ensino da língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In.: Ângela Dionísio, Anna Rachel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- COSTA, Cibele Lopresti; MARCHETTI, Greta. **Língua Portuguesa**. Vol. 6. 2. ed. São Paulo: SM Educação, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In.: DIONÍSIO, A.P. & BEZERRA, M. A. (Orgs.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

_____. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In.: Ângela Dionísio, Anna Rachel Machado e Maria Auxiliadora Bezerra (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

OLIVEIRA, M. M. **Projetos, relatórios e textos na educação básica: como fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.